

Roupas e memória: o simbolismo do vestuário na construção afetiva

Clothing and Memory: The Symbolism of Clothing in Affective Construction

Gutianna Michelle de Oliveira Dias¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1534-4941>

Simone Grace de Barros²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3491-2940>

[resumo] O artigo analisa a memória afetiva das roupas, destacando como peças de vestuário se tornam veículos de lembrança e conexão emocional, com base na forma como esses elementos são construídos narrativamente em obras ficcionais. Trata-se de um ensaio teórico-analítico que discute o papel simbólico das roupas como suporte de memória, fundamentado nos estudos de Benarush, Stallybrass, Chauí e Dohmann. A primeira parte apresenta uma contextualização teórica sobre o significado das roupas além de sua funcionalidade utilitária, explorando sua capacidade de resgatar memórias individuais e afetivas. É discutido como os objetos de vestuário transcendem seu status de consumo, assumindo valor simbólico e emocional. Na segunda parte, são analisadas cenas de duas obras ficcionais: o filme *O Segredo de Brokeback Mountain* e a série *Euphoria*. Nessas produções, peças como camisas e casaco com capuz assumem um papel central na narrativa ao simbolizar relações afetivas, dor e resistência. As cenas evidenciam como o vestuário carrega marcas físicas e emocionais, tornando-se um elo entre o passado e o presente. O ensaio busca ampliar a compreensão das roupas enquanto objetos de memória, demonstrando que elas não apenas representam o passado, mas também ajudam a ressignificá-lo no presente. Ao final, o leitor é convidado a refletir sobre a relevância das roupas como artefatos simbólicos, portadoras de histórias pessoais e afetivas que transcendem o cotidiano.

[palavras-chave] **Memória afetiva. Moda. Roupas. Ficção. Objeto simbólico.**

¹ Doutoranda e mestra em design pelo PPGDesign da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE na linha de pesquisa Design, Cultura e Artes. E-mail: gutianna@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7546227781691906>.

² Doutora em Design e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora adjunta do Departamento de Design e membro permanente no PPG em Design da UFPE na linha de pesquisa Design, Cultura e Artes. E-mail: simone.grace@ufpe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7164428104501210>.

[abstract] This article analyzes the affective memory of clothing, emphasizing how garments as narrative tools for remembrance and emotional connection, especially in fictional contexts. It is a theoretical-analytical essay grounded in the works of Benarush, Stallybrass, Chauí, and Dohmann, exploring the symbolic dimension of clothing as a repository of memory. The first section provides a theoretical framework for understanding garments beyond their utilitarian purpose, highlighting their capacity to evoke individual and emotional memories. The discussion addresses how clothing transcends its status as a consumer good to assume symbolic and affective significance. The second section conducts an analysis of specific scenes from two fictional narratives: the film *Brokeback Mountain* and the series *Euphoria*. In these narratives, items such as shirts and hooded coat occupy central roles, symbolizing emotional bonds, grief, and resilience. These scenes illustrate how garments embody physical and emotional imprints, serving as tangible connections between the past and the present. This essay advances the understanding of clothing as memory-bearing artifacts, demonstrating their dual function of representing and reconfiguring past experiences in the present. Ultimately, it invites readers to critically engage with the cultural and emotional significance of garments as symbolic objects, carriers of personal histories, and mediators of affective memory.

[keywords] **Affective Memory. Fashion. Clothing. Fiction. Symbolic object.**

Recebido em: 17-02-2025.

Aprovado em: 11-03-2025.

DOI: <https://doi.org/10.26563/dobras.v18i44.1927>

Um breve panorama

Quando pensamos em roupas, geralmente temos a tendência de reduzi-las a um objeto que cobre o corpo, porém, as roupas revelam muito mais do que apenas peças utilitárias da vida cotidiana.

Os objetos estão inseridos ao nosso redor a todo momento, e dar significado a eles é um tanto quanto curioso. Por exemplo, um vestido de casamento pode ser visto não apenas como uma peça de vestuário, mas como um símbolo de compromisso e novas etapas na vida de alguém. Da mesma forma, a camiseta de um concerto pode carregar memórias de uma noite inesquecível. Assim, as roupas, quando se trata de significação ou ressignificação que podemos dar aos objetos, se mostram como um interessante caso de análise e discussão.

Através dessas peças, exploramos narrativas pessoais e coletivas, que nos conectam com experiências passadas e nos ajudam a compreender nossa identidade. O debate da importância dessas roupas no resgate da memória afetiva é um convite para refletirmos sobre como as vestimentas, além de seu papel utilitário, atuam como guardiãs de experiências pessoais e coletivas.

Este estudo desenvolve uma abordagem voltada à discussão da memória afetiva associada às roupas por meio da análise de cenas de uma produção cinematográfica e uma série televisiva. Além disso, abordará a comunicação e o exercício de rememoração de eventos significativos, explorando a evocação da memória através das roupas, fundamentado em autores como Benarush, Stallybrass, Chauí e Dohmann. Esses estudiosos fornecem uma base teórica sólida para entender as roupas não apenas como objetos funcionais, mas como poderosos repositórios de memórias.

A análise será enriquecida pela discussão de duas cenas específicas de obras de ficção, que ilustram como as roupas podem atuar como catalisadores de lembranças emocionais. É importante ressaltar que essas peças de vestuário, presentes nas narrativas analisadas, são escolhas intencionais feitas por diretores e roteiristas, e por isso, elas foram escolhidas para serem analisadas neste ensaio. Essa abordagem busca não apenas estabelecer um diálogo com o leitor, mas também aprofundar a compreensão sobre o papel simbólico das roupas na preservação da memória afetiva.

Sobre as cenas exploradas, a primeira consiste em um longa-metragem intitulado *O Segredo de Brokeback Mountain*, aclamado pela mídia, indicado para várias categorias do Oscar e vencendo em algumas delas. O filme conta a história de dois jovens cowboys, Ennis Del Mar³ e Jack Twist⁴, que se conhecem enquanto trabalham em um rancho em Brokeback Mountain, Wyoming, no início dos anos 1960.

A segunda obra analisada é a série televisiva *Euphoria*, vencedora de prêmios significativos como o Emmy. A narrativa aborda a vida de adolescentes, explorando seus medos

³ Interpretado pelo ator Heath Ledger.

⁴ Interpretado pelo ator Jake Gyllenhaal.

e traumas em diversos contextos sociais. A série foca na personagem principal, Rue⁵ que desenvolve um vício em drogas durante o período em que cuidava de seu pai doente com câncer. Após o falecimento dele, a trama se desenrola em torno do sofrimento pela perda e a luta de Rue para superar o vício.

A escolha de analisar *O Segredo de Brokeback Mountain* foi baseada em sua representação marcante da relação entre roupas e memória. Este filme apresenta cenas representativas que exploram de que modo as roupas atuam como evocadoras de lembranças. A seleção das obras de ficção não se baseou em seus prêmios ou em reconhecimento público, mas sim em suas contribuições para a compreensão do tema em estudo.

Da mesma forma, a escolha da série *Euphoria* se justifica pela alusiva força atribuída ao vestuário em situações de dor e perda, especialmente no arco da personagem principal. A narrativa sensível da série permite observar como o uso de determinadas peças - neste caso, um casaco com capuz - pode representar a permanência simbólica de um ente querido. A trama oferece um exemplo ficcional relevante para refletir sobre o modo como o vestuário é incorporado na construção da memória afetiva. Além disso, a série dialoga com questões emocionais complexas vivenciadas por muitos, o que reforça sua pertinência enquanto objeto de análise.

No corpo do ensaio será encontrado a divisão entre seções e subseções. A primeira “A moda e a roupa”, tem o objetivo de contextualizar as roupas como objetos importantes e, em muitos casos, elas têm um valor significativo para algumas pessoas. O próximo, “Suporte de memória”, recairá sobre as roupas como suportes materiais de lembranças, capazes de evocar emoções e preservar vínculos afetivos. A premissa é dialogar e discutir com autores que estudam a temática para criarmos um entendimento mais aprofundado, ou seja, situar o leitor sobre a temática.

Na terceira seção, “As cenas”, serão apresentadas duas subseções: a primeira com o nome do filme, intitulado *O Segredo de Brokeback Mountain*, e a segunda com a série intitulada *Euphoria*. As cenas serão contextualizadas por meio de prints, traçando um paralelo entre a ficção e a realidade, em momentos que ocorrem na vida cotidiana e que, por vezes, não percebemos o quanto são importantes para algumas pessoas ressignificarem seus objetos.

Ao término dessa leitura, desejamos que você, leitor, passe a ver as roupas com um olhar mais significativo e representativo. Que em vez de simplesmente enxergá-las como peças de vestuário, consiga desenvolver uma apreciação mais profunda e uma compreensão mais ampla sobre as roupas enquanto objetos carregados de memória, afeto e significado emocional.

A moda e a roupa

A moda é efêmera e, em alguns casos, torna-se um objeto de valor simbólico. Um exemplo disso é quando uma avó guarda a roupa de batizado com todo o cuidado para que não sofra a degradação do tempo. Aquela peça de roupa representa muito para ela: é um

⁵ Interpretada pela atriz Zendaya.

símbolo de orgulho por ter participado daquele momento e, ao tocar na peça, resgata na memória lembranças que, provavelmente, foram de muita alegria. Andrzejewski (2015) fala:

A moda, mais do que qualquer outro objeto, é o que está mais próximo da gente. A partir da roupa ou de um acessório, podemos lembrar com precisão momentos importantes que estiveram relacionados a algum momento da nossa história pessoal. (Andrzejewski, 2015, p. 89).

Ou seja, a proximidade desse objeto se mostra reveladora, pois ele é capaz de resgatar memórias afetivas. Pensar a moda em um panorama de retomada do passado é refletir como propõe Benarush (2012): “As roupas materializam um tempo passado, dão-nos uma noção ideológica de sua cultura e representam a sociedade que as criou e que as vestiu.” (Benarush, 2012, p. 114). Assim, as roupas vão além de um produto de mercado, elas são representativas, seja para uma pessoa, uma época ou cultura.

A moda em um contexto de consumo mercadológico, pode de fato pode ser considerada passageira. Afinal, a cada nova estação são inseridos novos modelos na intenção de despertar desejo e ânsia pelo consumo. Stallybrass (2012), em seu ensaio *O Casaco de Marx*, aborda tal questão dizendo que o valor simbólico se perde quando acaba seu valor econômico. Nesse sentido, existe o senso comum em retirar das roupas seus significados intrínsecos.

Stallybrass (2012), no mesmo escrito, afirma: “Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem”. (Stallybrass, 2012, p. 04).

Refletindo a cerca dessa colocação, podemos inferir que a moda passa, mas as roupas ficam. Essas roupas, escolhidas para serem guardadas, ocupam um lugar especial com uma função específica: serem vetores de ligação de memória.

Gostaríamos de adotar uma perspectiva de superação da moda apenas como futilidade. Ela carrega significados importantes, especialmente no que diz respeito à roupa como objeto atraente e representativo.

Ao tratarmos agora a roupa como objeto presente no cotidiano, Benarush (2015) traz uma contribuição relevante nesse sentido.

A questão central que se apresenta é a transfiguração do objeto-consumo para o objeto-documento. De objetos de vestir, viram objetos para refletir e objetos para significar: objetos-discurso, ideológicos, objetos que servem ao olhar, que recebem atribuições simbólicas, históricas, tornando-se memória social e patrimônio cultural. (Benarush, 2015, p. 100).

A reflexão proposta pela autora (2015), sobre a transfiguração das roupas - de objetos de consumo a documentos culturais - oferece uma perspectiva enriquecedora sobre o valor simbólico das vestimentas. Ela argumenta que as roupas transcendem seu papel utilitário inicial e se transformam em “objetos para refletir e objetos para significar”. Esta transformação não é meramente superficial: as roupas adquirem significados mais profundos ao se tornarem “objetos-discurso, ideológicos” e “objetos que servem ao olhar”, recebendo, assim, atribuições simbólicas e históricas.

A análise central é que as roupas, através de seus significados próprios, documentam histórias pessoais, sociais e culturais, tornando-se testemunhas silenciosas do passado. Elas não são vistas apenas como bens efêmeros, mas como artefatos que capturam e refletem as ideologias da sociedade que as produziu e utilizou.

Além de servirem como objetos estéticos, as vestimentas atuam como vetores de memória, carregando consigo narrativas que ressoam com experiências individuais e coletivas. Esse entendimento desafia a percepção tradicional da moda como mera futilidade, posicionando-a como uma forma de expressão cultural rica e complexa. Ao reconhecer essa potência comunicativa, torna-se possível apreciar melhor o papel das roupas como mediadoras de memórias.

Ao considerar a transição dos objetos de consumo para sua valorização como documentos culturais, estes passam a ser compreendidos como portadores de sentidos representativos. Nesse contexto, Dohmann (2015), oferece uma compreensão valiosa ao enfatizar que os objetos atuam como evidências documentais, deixando impressões duradouras nos indivíduos e facilitando um diálogo intercultural e dinâmico. Em seu texto sobre a experiência material dos objetos, o autor sugere que há uma “[...] alma das coisas [...]” (Dohmann, 2015, p. 72), o que implica em uma subjetividade inerente aos próprios objetos.

Essa subjetividade permite que os objetos transcendam sua função prática, tornando-se veículos de lembrança e memória. Ao remeter à objetividade da lembrança, o autor nos convida a refletir sobre como os objetos podem carregar significados pessoais e culturais profundos. Dohmann esclarece que esses valores simbólicos estão intrinsecamente ligados aos contextos em que os objetos se inserem, tanto dentro quanto fora dos limites do senso comum e das normas sociais.

Desse modo, tais relações com o ambiente atribuem um simbolismo particular aos objetos. Assim, tanto Dohmann quanto Benarush interpretam os objetos como símbolos significativos na construção da narrativa histórica dos indivíduos, além de reconhecê-los como agentes em processos comunicativos.

Na próxima seção, serão apresentados alguns apontamentos sobre a influência desses objetos para a memória, buscando refletir sobre como ela pode ser ativada, sustentada ou ressignificada a partir dos sentidos atribuídos a esses objetos de vestuário.

Suporte da memória

As lembranças de pessoas queridas podem estar presentes nas roupas. Essas pessoas vestiram aquelas peças e deixaram marcas — sejam manchas, odores ou até mesmo desgastes. Refletindo sobre as marcas deixadas por quem as vestiu, Stallybrass (2012), acredita na magia das roupas e expõe:

Comecei a acreditar que a mágica da roupa está no fato de que ela nos recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo nossa forma. E quando nossos pais, os nossos amigos e os nossos amantes morrem, as roupas ainda ficam lá, penduradas em seus armários, sustentando seus gestos ao mesmo tempo confortadores e aterradores, tocando os vivos com os mortos. (Stallybrass, 2012, p. 04).

Esse trecho exemplifica, de forma sensível, como as roupas operam na conexão entre vivos e mortos, atuando como mediadoras entre temporalidades distintas e entre a ausência e a presença.

Essa relação entre materialidade e memória é exemplificada na obra de Stallybrass (2012), por meio da experiência com as roupas de seu amigo Allon. Após sua morte, as peças herdadas tornaram-se mais do que objetos funcionais: elas passaram a carregar a presença do amigo, preservando traços de sua forma e essência.

Esse exemplo evidencia como as roupas atuam como extensões dos corpos que as habitaram, mantendo vivas as lembranças e permitindo que os gestos dos que partiram continuem presentes. Stallybrass demonstra que as roupas transcendem sua materialidade ao se tornarem gatilhos de memória, capazes de evocar emoções profundas e resgatar histórias.

As roupas não apenas testemunham relações afetivas, mas também reafirmam o papel dos bens materiais na construção e preservação da memória. Nesse contexto, simbolizam uma interação entre passado e presente, entre corpo e objeto, reiterando sua potência como suportes de memória e afeto.

O autor escreve em seu livro: “Se eu vestia a jaqueta, Allon me vestia. Ele estava lá nos puimentos do cotovelo, puimentos que no jargão técnico da costura são chamados de “memória””. (Stallybrass, 2012, p. 4). Esse trecho exemplifica, de forma sensível, como as roupas operam na conexão entre vivos e mortos, atuando como mediadoras entre temporalidades distintas e entre a ausência e a presença.

No campo da memória traremos para a discussão um pouco sobre como a memória se manifesta. Esse mecanismo cognitivo e emocional permite aos indivíduos acessar e preservar experiências passadas. Chauí (2000), no livro “Convite à Filosofia”, reforça a memória como: “[...] uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança.” (Chauí, 2000, p. 161).

Dessa forma, é interessante chamar atenção para a palavra “registro”, utilizada por Chauí, e relacioná-la ao tema proposto neste trabalho: uma roupa pode ser compreendida como um registro do presente, capaz de atualizar memórias passadas.

Complementando essa ótica, a autora afirma que a memória opera como uma evocação do passado, funcionando como uma habilidade humana de reter e guardar momentos que já ocorreram, protegendo-os do esquecimento absoluto.

Essa ação da memória se realiza por meio de dois processos principais: a retenção e a recuperação. A retenção corresponde ao armazenamento das experiências vividas, enquanto a recuperação refere-se à capacidade de acessar essas experiências para revivê-las ou reinterpretá-las no presente. Assim, a memória não apenas armazena informações, mas também dá sentido ao passado, conectando-o ao presente e, em alguns casos, projetando-o para o futuro.

O autor Izquierdo (2018), analisa a memória com base no funcionamento do cérebro, destacando que o aprendizado é essencial para que as informações sejam registradas. Izquierdo concentra seus estudos sobre a memória com base nos conceitos neurológicos, segundo ele: “só se ‘grava’ aquilo que foi aprendido” (Izquierdo, 2018, p. 01).

Ainda que partam de campos distintos, tanto a abordagem filosófica de Chauí, quanto a concepção neurocientífica de Izquierdo contribuem, juntas, para ampliar a compreensão

da memória: enquanto Chauí destaca seu valor simbólico e cultural, Izquierdo evidencia os mecanismos de retenção que tornam possíveis as lembranças. Essas visões, ao se complementarem favorecem para um entendimento mais abrangente sobre o funcionamento da memória como fenômeno que envolve o corpo, a mente e os sentidos.

A partir de outro olhar centrado nas experiências sociais, o autor Halbwachs (2006) argumenta que nossas memórias individuais são profundamente influenciadas pelas vivências em sociedade, sendo fruto da interação com o coletivo. Essa perspectiva reforça a ideia de que a memória não é apenas um processo interno, mas também um reflexo das experiências compartilhadas, demonstrando a interdependência entre o indivíduo e o meio social na construção das lembranças.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. (Halbwachs, 2006, p. 30).

Halbwachs (2006) defende que a memória é um fenômeno relacional, no qual as lembranças individuais são moldadas e reconstruídas a partir de referências sociais. Mesmo os eventos aparentemente íntimos ou pessoais estão ancorados em contextos culturais, históricos e sociais que ajudam a dar significado a essas experiências.

Por meio das interações com o coletivo, as memórias são validadas, reinterpretadas e frequentemente reforçadas, evidenciando que as lembranças de um indivíduo estão em constante diálogo com o ambiente social em que ele está inserido.

Além disso, os objetos e espaços que nos envolvem também atuam como mediadores dessa memória coletiva, funcionando como símbolos e estímulos de recordações compartilhadas. Roupas, por exemplo, podem carregar histórias que transcendem o indivíduo, evocando emoções, valores e identidades sociais.

Assim, o ato de lembrar não é apenas uma atividade introspectiva, mas também um processo demasiadamente enraizado na cultura e nas relações humanas, corroborando a importância do coletivo na construção e preservação das memórias individuais.

A memória, conforme discutido, transcende o simples armazenamento de informações, sendo um fenômeno relacional que conecta o indivíduo ao coletivo, ao passado e ao presente. Autores como Stallybrass (2012), Chauí (2000), Izquierdo (2018) e Halbwachs (2006), cujas contribuições foram articuladas ao longo desta seção, destacaram diferentes aspectos da memória: desde sua relação com a materialidade das roupas, que carregam traços e histórias, até sua base neurológica, filosófica e social, que molda e ressignifica as lembranças.

Na próxima seção, essas questões ganham materialidade por meio da análise de cenas selecionadas, que ilustram, na ficção, os sentidos afetivos atribuídos às roupas.

As cenas

As questões sobre roupas como objetos significativos para o resgate da memória explicados nos tópicos anteriores, se materializam nesse momento, através da demonstração, mesmo que por cenas de ficção, o pensar as roupas como vetores de ligação no resgate da memória afetiva.

A memória supracitada nem sempre se manifesta como uma lembrança positiva de momentos felizes. Ao longo da leitura, é possível perceber que determinadas passagens podem assumir um tom mais melancólico, uma vez que a escolha das imagens propõe reflexões sobre a relação entre as roupas e as lembranças de pessoas que já partiram.

Objetos presentes em nosso cotidiano - desde o despertar até o final do dia - podem adquirir significados profundos. Para algumas pessoas, essa representação é revelada de maneira intensa; para outras, de forma mais sutil.

Na sequência, serão apresentadas duas subseções: a primeira dedicada à análise de cenas do filme *O Segredo de Brokeback Mountain* e a segunda voltada para cenas da série *Euphoria*.

O segredo de Brokeback Mountain

As cenas do filme, ilustram dentro da construção narrativa, como os elementos do vestuário podem ser utilizados como recursos simbólicos para representar afetos, perdas e resistências, conforme definido pelas escolhas de direção e roteiro. Ainda que não reflitam necessariamente experiências universais, essas escolhas visuais evocam situações emocionais que dialogam com a memória afetiva, permitindo ao telespectador, e agora ao leitor, projetar sentidos próprios sobre a relação entre roupas e lembranças.

O Segredo de Brokeback Mountain acompanha a história de dois jovens, Ennis Del Mar e Jack Twist que se conhecem enquanto trabalham juntos em um rancho isolado nas montanhas, no estado de Wyoming, durante os anos 1960. Ao longo do período em que estiveram isolados, desenvolvem uma relação homoafetiva que, apesar de intensa, precisava ser ocultada diante das normas e repressões sociais da época.

Após o término dos trabalhos, eles retornaram às suas rotinas. Ennis está com casamento marcado com Alma⁶, enquanto Jack segue em busca de seu sonho de ser um cowboy profissional. Entre campeonatos, conheceu Lurren⁷, casaram-se e tiveram um filho. Ainda que cada um tenha seguido caminhos diferentes, os meses vividos juntos estabeleceram um vínculo afetivo profundo, que marcou suas trajetórias.

Uma cena importante acontece quando eles estavam descendo a montanha para terminar os trabalhos. Os dois começaram uma briga que inicialmente parecia uma brincadeira, onde Jack lançava Ennis da forma como se lança um touro, Ennis não muito feliz começou a trocar socos. Nessa briga eles estavam com duas camisas uma quadriculada (Ennis) e a outra em tecido jeans (Jack), alguns socos foram fortes chegando a emergir sangue pelo nariz de Ennis, que logo limpou no punho da camisa.

Jack encontrou Ennis após alguns anos e combinaram encontros uma vez por mês em Brokeback Mountain, os encontros duraram por meses. Em uma manhã Ennis recebe através de um cartão postal do correio a informação que Jack havia falecido. Ao visitar os pais de Jack após sua morte, Ennis é convidado a conhecer o quarto de Jack e lá encontra as

⁶ Interpretada pela atriz Michelle Williams.

⁷ Interpretada pela atriz Anne Hathaway.

duas camisas, a que o próprio Ennis vestia e a que Jack vestia no dia da briga no seu último dia de trabalho em Brokeback Mountain. Esse momento se refere a figura 1.

Nos punhos da camisa, permanece a marca de sangue que Jack não removeu, possivelmente por ser o único vestígio tangível de seu amado. A cena é marcada por intensa carga emocional, evidenciada pela interpretação do ator, que transmite a dor da perda ao encontrar as peças de roupa. Esses objetos simbolizam não apenas a despedida, mas também o amor, a cumplicidade e a resistência compartilhados na relação.

FIGURA 1 - PRINT FILME “O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN”



FONTE: Netflix- Minuto 120'36”.

Nery e colaboradores (2015) conceituam os objetos ao redor dos indivíduos em relação as memórias da seguinte forma:

Trata-se, então, de objetos que estão ao redor dos indivíduos e auxiliam a construir a sua identidade, além de fazerem um elo com o mundo e, também, entre passado, presente e futuro. Os objetos não estão apenas carregados de memória, de personalidade e de histórias, mas podem estar carregados de significados, simbologias que representam a visão de mundo que o indivíduo tem e qual a relação que ele tem com este mundo. (Nery et al., 2015, p. 44).

Ou seja, os objetos, como peças de roupas, desempenham um papel central na preservação de memórias e na construção de identidades, conforme destacado por Nery e colaboradores (2015). Essas peças carregam em si significados que transcendem a materialidade, funcionando como elos entre passado, presente e futuro. No caso da imagem mencionada, as roupas simbolizam mais do que simples vestimentas: elas representam a memória de um momento especial vivenciado pelos indivíduos, atuando como um gatilho para emoções e lembranças únicas.

Essa relação evidencia que os objetos ao nosso redor não apenas refletem histórias pessoais, mas também funcionam como mediadores de identidades e de vínculos afetivos. Assim, as roupas citadas não apenas remetem a uma experiência vivida, mas carregam a essência de uma conexão emocional, sendo testemunhas materiais de um tempo que, de outra forma, poderia se perder no fluxo da memória.

A figura 2, é a continuação da cena com Ennis abraçando as duas camisas como se o seu amado estivesse ali vestido.

FIGURA 2 - PRINT FILME “O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN”



FONTE: Netflix- Minuto 121'12”.

A memória tem esse poder de fazer presente o que foi passado, Stallybrass (2012), fala: “As roupas são, pois, uma forma de memória, mas elas são também pontos sobre os quais nos apoiamos para nos distanciar de um presente insuportável[...]” (Stallybrass, 2012, p. 18), de fato, o presente de Ennis estava insuportável, afinal perdeu o homem que amava.

Silveira (2021), corrobora quando comenta “[...]uma peça de vestuário pode ter inúmeras histórias para contar, criando sua própria linha do tempo, paralelamente à linha do tempo de cada dono que a utilizou”. (Silveira, 2021, p. 169). Ou seja, a peça de vestuário carrega em si uma narrativa própria, construída pelas experiências e emoções de cada pessoa que a vestiu.

No caso de quem perdeu alguém que amava, a roupa passa a simbolizar muito mais do que um objeto material: transforma-se em um elo tangível com aquele que partiu, preservando fragmentos de sua presença. Essa conexão reitera que as roupas não apenas acompanham os corpos, mas também registram momentos, memórias e sentimentos que atravessam o tempo.

A vida seguiu para Ennis e, na última cena do filme, revela-se onde estava seu bem mais precioso: penduradas no interior do seu guarda-roupas, as duas camisas agora sob sua posse, em um lugar de contemplação, ao lado do cabide uma foto da montanha, onde viveu momentos inesquecíveis. Através daquelas duas camisas permanecem vivos todos os momentos felizes. Elas tornam presente seu amado Jack.

No próximo subtópico, abordaremos a série *Euphoria*, também ilustradas com duas imagens que, à sua maneira, contemplam a relação entre as roupas e o resgate da memória.

Euphoria

De modo semelhante, na série *Euphoria*, o uso do casaco com capuz pela personagem Rue aparece como uma estratégia narrativa que simboliza o vínculo afetivo com o pai falecido. Embora o vestuário represente emoções potentes na trama, reforçamos que se trata de uma construção ficcional, em que os elementos visuais, como o figurino, são cuidadosamente definidos por escolhas de direção e roteiro.

No desenvolvimento da narrativa, acompanha-se a trajetória de Rue, que perdeu o pai, Robert Bennett⁸, em decorrência de complicações do câncer. Ele era retratado na série como uma figura presente e amorosa. Rue chegou a cuidar intensamente do pai em vários estágios da doença, uma vez que sua mãe, Leslie Bennett⁹, precisava realizar trabalhos extras para sustentar a família e custear o tratamento, deixando os cuidados com o pai, em grande parte do tempo, com a filha.

A serie mostra alguns momentos em que Rue usa os remédios do tratamento do pai para se drogar, sugerindo que ela tenha adquirido o vício em opioides¹⁰ naquela fase de sua vida. O pai falece, deixando a família devastada e, em um dado momento, Rue identifica um casaco com capuz usado com frequência por ele. Estava em cima da cama, ela pega a peça de roupa e a beija, como está ilustrado na figura 3.

FIGURA 3-PRINT SÉRIE “EUPHORIA”



FONTE: HBOMax- Temporada 1, Episódio 8: And Salt the Earth Behind You. Minuto 57'17”.

⁸ Interpretado pelo ator Bruce Wexler.

⁹ Interpretada pela atriz Nika King.

¹⁰ São medicamentos com efeitos analgésicos e sedativos potentes, fazendo com que as pessoas fiquem sonolentas e quietas. Os opioides também podem provocar euforia.

Apesar da cena estar escura, a imagem ainda permite identificar Rue cheirando o casaco, enquanto, ao fundo, é possível ver os aparelhos usados por seu pai durante o tratamento.

A próxima imagem (figura 4) ilustra Rue saindo do quarto já vestida no casaco, abraçando-o de forma afetuosa e incorporando, àquela peça de roupa, um lugar na sua vida cotidiana.

FIGURA 4 - PRINT SÉRIE “EUPHORIA”



Fonte: HBOMax- Temporada 1, Episódio 8: And Salt the Earth Behind You. Minuto 58'50”.

A partir de então, em muitos outros episódios, Rue aparece usando o casaco - inclusive em momentos de grande sofrimento, como quando se droga ou frequenta encontros de reabilitação fingindo estar “limpa”. Para ela, o pai permanecia presente, e aquele casaco representava a dor de sua perda. Stallybrass (2012) conclui: “[...] roupas podem efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência, da morte, porque a roupa é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia, bem como o valor material literal” (Stallybrass, 2012, p. 14).

Esse valor se materializa, no caso de Rue, por meio do casaco de seu pai, que vestira aquela peça em um momento delicado. Rue, desejando mantê-lo por perto, transforma esse desejo em presença simbólica ao vestir o casaco. Sobre esses exemplos, de peças de roupas usadas por pessoas especiais que não estão mais entre nós, Silveira (2021) desenvolve o seguinte pensamento:

Este tipo de ato, ao querer ficar com algum objeto que pertenceu a uma pessoa especial pode ser considerado um ato de colecionador; não aquele colecionador de peças raras e valiosas no sentido monetário, e sim um colecionador inconsciente de peças aleatórias que possuem valor afetivo, [...] (Silveira, 2021, p. 169).

Ao guardar uma peça de roupa para contemplação, poderíamos considerar os personagens como colecionadores. Entretanto, a questão posta é aleatória no sentido de não ter uma previa escolha com critérios estabelecidos. O único critério era: ele estava vestido, e agora, para mim, essa peça é importante, pois me faz lembrar, ou sentir que está perto de mim.

As roupas possuem um significado que transcende sua utilidade prática e seu apelo sensorial. Benarush (2012) destaca: “As roupas mostram muito mais do que somente formas, volumes, cores e texturas; nas roupas é possível também “ver” o envolvimento emocional, corporal e sensorial das pessoas que as usaram”. (Benarush, 2012, p. 116).

Isso significa que esse gesto revela como as roupas ultrapassam sua condição de objeto material para se tornarem depositárias de memórias e afetos. O casaco do pai, para Rue, não é apenas uma peça de vestuário, mas um símbolo carregado de significado - um elo palpável que conecta passado e presente.

Ao integrá-lo em sua rotina, ela não apenas revive a presença do pai, mas também dá novo sentido a essa memória, transformando o casaco em um espaço de acolhimento emocional e resiliência. Essa relação entre memória e materialidade evidencia o poder das roupas como mediadoras de sentimentos e preservadoras de histórias.

Reflexões finais

Este ensaio explorou, a partir de um recorte ficcional, a relação entre roupas e memória afetiva, demonstrando como peças de vestuário, quando inseridas em narrativas audiovisuais, podem assumir um papel simbólico na evocação de memórias.

A proposta foi pensar o vestuário não apenas como um item fútil ou com função prática de cobrir o corpo, mas como um objeto que carrega significados afetivos e pode ser contemplado como uma memória material que conecta sujeitos. Acredita-se que as roupas, por meio da sua permanência no tempo e da marca dos corpos que as vestiram, mantêm viva a presença do outro, operando como pontes entre passado e presente, entre ausência e continuidade.

Neste trabalho, foram explorados caminhos teóricos baseados em contribuições relevantes, com base em autores como Benarush, Stallybrass, Chauí, Dohmann, Halbwachs, Izquierdo e Nery, até alcançar a análise de cenas de duas obras ficcionais contemporâneas. Em ambas, o vestuário - camisas e um casaco com capuz - adquire centralidade simbólica ao atuar como catalisador de memória, evidenciando que, mesmo na ficção, há força em objetos que sobrevivem às perdas.

Ao abordar a memória afetiva por meio da análise do vestuário em narrativas ficcionais, ampliou-se a compreensão sobre a forma como as roupas podem operar simbolicamente na construção de significados emocionais. Longe de naturalizar o que é representação, afirmou-se o potencial das roupas enquanto mediadoras de sentimentos, guardiãs de experiências e testemunhas silenciosas do afeto.

As cenas analisadas não retratam a realidade em si, mas constroem sentidos simbólicos e estéticos por meio de imagens, gestos e atmosferas, reforçando o papel do vestuário como linguagem da ausência e da permanência.

Dito isso, é importante reconhecer os limites deste trabalho. O artigo não tem como propósito generalizar experiências reais ou falar por todos aqueles que atribuem valor às

suas roupas. O que se buscou foi refletir, por meio do campo simbólico da ficção, como o vestuário pode operar na narrativa como dispositivo de evocação, presença e resistência.

O trabalho não realizou entrevistas nem observações empíricas com sujeitos reais, o que delimita o alcance da análise. No entanto, foi justamente esse recorte que permitiu uma investigação mais aprofundada da camada simbólica da roupa como linguagem, gesto e memória material.

Pesquisas futuras poderiam explorar como diferentes contextos culturais e históricos influenciam as atribuições de memória às roupas, observando, por exemplo, como peças herdadas, preservadas ou até descartadas operam nas dinâmicas de luto, saudade, celebração e pertencimento.

Há espaço para compreender de que maneira esses objetos são apropriados por sujeitos comuns, e como narrativas pessoais, familiares ou coletivas são costuradas no tecido da experiência. Ainda, seria produtivo investigar como o uso de roupas em rituais de passagem ou o reaproveitamento de vestimentas familiares constroem trajetórias identitárias.

Portanto, existe um poder intrínseco de tornar um passado presente através das roupas, pois elas podem resgatar a memória afetiva de maneira genuína. Vestir uma peça de quem partiu, conservar uma camisa marcada, abraçar um casaco que já não carrega mais um corpo - são formas simbólicas de prolongar presenças.

E mesmo quando essas roupas se silenciam nos armários, elas continuam a dizer. Falam de quem fomos, de quem amamos, e de como, através do toque do tecido, podemos continuar sendo tocados.

Referências

ANDRZEJEWSKI, L. A moda como despertar da memória. Em: MERLO, M. (Ed.). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2015. p. 89-97.

BENARUSH, M. K. A memória das roupas. **dObras** – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 5, n. 12, 2012. p. 113-117.

BENARUSH, M. K. Por uma museologia do vestuário: patrimônio, memória, cultura. Em: MERLO, M. (Ed.). **Memórias e museus**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2015. p. 99-111.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. n. 1, 2000.

DOHMANN, M. O objeto e a experiência material. **Revista Arte & Ensaio**. Rio de Janeiro: n. 20, jul. 2010. p. 70-77.

EUPHORIA. Episódio: And Salt the Earth Behind You. Direção: Sam Levinson. [S.l.]: HBOMax, 2019. Disponível em: <https://www.hbo.com>. Acesso em: 18 dez. 2023.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

NERY, O. S. et al. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 1, 2015. p. 42-51.

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN. Direção: Ang Lee. Produção: Diana Ossana, James Schamus. [S.l.]: Focus Features, 2005. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/> Acesso em: 20 jan. 2023.

SILVEIRA, L. P. DA. Alinhavando as memórias: a apropriação do vestuário como objeto de recordação Laiana. **Revista Discente Ofícios de Clio, Pelotas**, v. 5, nº 8, 2020. p. 164-174.

STALLYBRASS, P. **O casaco de Marx roupas, memória, dor**. 4ª. ed. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica LTDA, 2012.

Revisor(a)- Simone Grace de Barros, Graduada em Comunicação Social - UFPE-simone.grace@ufpe.br